

Buffon, História Natural.

Do sentido da visão

“pois o primeiro defeito do sentido da visão é representar todos os objetos invertidos: antes de terem se assegurado, pelo tato, da posição das coisas e da posição de seus próprios corpos, as crianças veem embaixo tudo o que está no alto, e no alto tudo o que está embaixo: pelos olhos, portanto, eles têm uma ideia falsa da posição dos objetos. Um segundo defeito, e que deve induzir as crianças noutra espécie de erro ou de falso julgamento, é que primeiramente eles veem todos os objetos duplos, porque uma imagem do mesmo objeto se forma em cada olho; ainda uma vez é somente pela experiência do tato que elas adquirem o conhecimento necessário para retificar esse erro e apreendem efetivamente a julgar como simples os objetos que lhes parecem duplos, esse erro de visão, tanto como o primeiro, é tão bem retificado posteriormente pela verdade do toque, que, embora vejamos com efeito todos os objetos duplos e invertidos, nós imaginamos, no entanto, vê-los realmente simples e corretos, e nos persuadimos de que a sensação pela qual vemos os objetos simples e corretos, a qual é apenas um juízo de nossa alma ocasionado pelo toque, é uma apreensão real produzida pelo sentido da visão: se fôssemos privados do toque, os olhos se enganariam, portanto, não somente sobre a posição, mas também sobre o número dos objetos.

O primeiro erro é consequência da conformação do olho, sobre o fundo do qual os objetos se pintam numa situação invertida, porque os raios luminosos que formam as imagens desses mesmos objetos não podem entrar no olho a não ser cruzando na pequena abertura da pupila: teremos uma ideia bem clara da maneira pela qual se faz essa inversão das imagens, se fazemos um pequeno buraco num lugar bem escuro, veremos que os objetos de fora se pintarão na parede dessa câmara escura numa situação inversa, porque todos os raios que partem de diferentes pontos do objeto não podem passar pelo pequeno buraco na posição e na extensão que têm ao partir do objeto, já que seria necessário então que o buraco fosse tão grande quanto o objeto mesmo; mas como cada parte, cada ponto do objeto envia as imagens de todos os lados, e como os raios que formam essas imagens partem de todos os pontos do objeto, como o mesmo tanto de centros, só aqueles que chegam de direções diferentes podem passar pelo pequeno buraco; o pequeno buraco se torna um centro para o objeto inteiro, ao qual os raios da parte do alto chegam tanto quanto os da parte de

baixo, em direções convergentes, por conseguinte eles se cruzam nesse centro, e pintam a seguir os objetos numa situação invertida. Também é bem fácil de se convencer que vemos realmente os objetos duplos, embora os julguemos simples: para isso, basta olhar o mesmo objeto, primeiro com o olho direito, e o veremos corresponder a algum ponto da parede ou dum plano que supomos além do objeto; em seguida, olhando-o com o olho esquerdo, veremos que ele corresponde a outro ponto da parede, e, por fim, olhando-os com os dois olhos, nós o veremos no meio entre os dois pontos aos quais ele correspondia antes; assim, forma-se uma imagem em cada um de nossos olhos, vemos o objeto duplicado, isto é, vemos uma imagem desse objeto à direita e uma imagem à esquerda, e o julgamos simples e no meio, porque retificamos esse erro da vista pelo sentido do tato. Da mesma maneira, se vemos com os dois olhos dois objetos que estão mais ou menos na mesma direção com relação a nós, fixando os olhos no primeiro, que está mais perto, nós o veremos simples, mas, ao mesmo tempo, veremos duplicado aquele que está mais distante, e, ao contrário, se fixamos os olhos naquele que está mais afastado, nós o veremos simples, ao mesmo tempo que duplicado o objeto mais próximo; isso prova ainda evidentemente que vemos, com efeito, todos os objetos duplicados, embora os julguemos simples, e que os vemos onde não estão realmente, ainda que julguemos onde efetivamente estão. Se, portanto, o sentido do tato não retificasse o sentido da visão em todas essas ocasiões, nós nos enganaríamos sobre a posição dos objetos, sobre seu número e, ainda, sobre o seu lugar; nós os julgaríamos invertidos, duplos, e à direita ou à esquerda do lugar que realmente ocupam, e se ao invés de dez olhos tivéssemos cem, nós julgaríamos os objetos simples, ainda que os víssemos multiplicados por cem. ” (HN, III, p. 307)

Não podemos ter nenhuma ideia de distância pelo sentido da visão; sem o tato, todos os objetos nos parecerão estar em nossos olhos, porque as imagens desses objetos estão efetivamente neles; e uma criança que ainda não tocou em nada, deve ser afetada como se todos esses objetos estivessem nela mesma, ela os vê somente maiores ou menores conforme se aproximem ou se afastem de seus olhos; uma mosca que se aproxima de seu olho deve lhe parecer um animal de um tamanho enorme, um cavalo ou um boi que está afastado dela, lhe parece menor que a mosca; assim, por esse sentido não pode haver nenhum conhecimento da grandeza relativa dos objetos, porque não há nenhuma ideia da distância na qual ele os vê; somente depois de ter

medido a distância estendendo a mão ou transportando seu corpo de um lugar a outro ela pode adquirir essa ideia da distância e da grandeza dos objetos; antes, ela não conhece de modo algum essa distância e não pode julgar sobre a grandeza de um objeto a não ser por aquela imagem que forma em seu olho. Nesse caso, o juízo da grandeza só é produzido pela abertura do ângulo formado pelos raios extremos da parte superior e da parte inferior do objeto, por conseguinte ele deve julgar grande tudo o que está perto, e pequeno tudo o que está longe dele, mas, depois de ter adquirido essas ideias de distância pelo tato, o julgamento da grandeza dos objetos começa a se retificar, não mais nos fiamos à primeira apreensão que nos vem pelos olhos para julgar sobre o tamanho, tratamos de conhecer a distância, procuramos ao mesmo tempo reconhecer o objeto pela sua forma e, em seguida, julgamos o seu tamanho. (HN, III, p. 312-313)

Do sentido da audição

Como o sentido da audição tem em comum com o da visão nos dar a sensação das coisas afastadas, ele está sujeito a erros semelhantes e deve nos enganar todas as vezes que não podemos retificar pelo tato as ideias que produz: da mesma maneira que o sentido da visão não nos dá nenhuma ideia dos objetos, o sentido da audição não nos dá nenhuma ideia da distância dos corpos que produzem o som; um grande barulho bem distante e um pequeno barulho bem perto produzem a mesma sensação, e a menos que tenhamos determinado a distância pelos outros sentidos, não sabemos que o que ouvimos é efetivamente um barulho grande ou pequeno.

Todas as vezes que ouvimos um som desconhecido, não podemos, portanto, julgar a distância por esse som, tampouco como a quantidade de ação do corpo que o produz, mas, desde que possamos relacionar esse som a uma unidade conhecida, isto é, desde que possamos saber que esse barulho é de tal ou tal espécie, podemos então julgar aproximadamente não só a distância, mas ainda a quantidade de ação; por exemplo, se ouvimos um tiro de canhão ou o som de um campanário, como esses efeitos são barulhos que podemos comparar com barulhos da mesma espécie que ouvimos anteriormente, podemos julgar grosseiramente sobre a distância em que nos encontramos do canhão ou do campanário, assim como de seu tamanho, isto é, a quantidade de ação.” (HN, III, p. 335)

[sons harmônicos: oitava, quarta, quinta]

“Poderiam me dizer que não é muito concebível como uma proporção pode causar prazer, e que não se vê porque tal relação, por ser exata, é mais agradável que tal outra que não pode ser medida exatamente Responderei que é, entretanto, nessa justeza de proporção que consiste a causa do prazer, pois que todas as vezes que nossos sentidos são sacudidos dessa maneira, disso resulta um sentimento agradável, e, ao contrário, eles são sempre afetados desagradavelmente pela desproporção; podemos nos lembrar do que dissemos a respeito do cego de nascença a quem o sr. Cheselden deu a visão suprimindo-lhe a catarata; os objetos que lhe eram mais agradáveis quando começou a ver eram as formas regulares e unidas, os corpos pontudos e irregulares eram objetos desagradáveis para ele; não se pode, pois, duvidar que a ideia de beleza e o sentimento de prazer que nos ocorre pelos olhos nasce da proporção e da regularidade; o mesmo se dá com o tato, as formas iguais, redondas e uniformes nos causam mais prazer ao tato que os ângulos, as pontas e as desigualdades dos corpos ásperos; se, portanto, o prazer do tato tem por causa, tanto quanto o prazer da visão, a proporção dos corpos e dos objetos, por que o prazer do ouvido não viria da proporção dos sons?,” (HN, III, p. 341-342)

- “A audição é bem mais necessária ao homem que aos animais; tal sentido não é nestes senão uma propriedade passiva capaz somente de lhes transmitir as impressões estranhas. No homem, ela não é somente uma propriedade passiva, mas uma faculdade que se torna ativa pelo órgão da palavra; é, com efeito, por meio desse sentido que vivemos em sociedade, que recebemos o pensamento dos outros, e que podemos lhes comunicar o nosso, os órgãos da voz seriam instrumentos inúteis se não fossem postos em movimento por esse sentido; um surdo de nascença é necessariamente mudo, ele não deve ter nenhum conhecimento das coisas abstratas e gerais.” (HN, III, p. 347-348)

Do sentido em geral

O corpo animal é composto de várias matérias diferentes, algumas das quais são insensíveis, como os ossos, a gordura, o sangue, a linfa etc., enquanto outras, como as membranas e nervos, parecem ser matérias ativas, das quais dependem o jogo de todas as partes e a ação de todos os membros; os nervos, sobretudo, são o órgão imediato do sentimento, que se diversifica e muda, por assim dizer, de natureza

dependendo de sua diferente composição, de modo que, segundo a posição, o arranjo e a qualidade deles, eles transmitem à alma espécies diferentes de sentimento, que distinguimos pelo nome de sensações, as quais efetivamente não tem nada de semelhante entre si. Todavia, se prestamos atenção a que todos os sentidos externos têm um sujeito comum, e que todos eles não passam de membranas nervosas diferentemente dispostas e situadas, que os nervos são o órgão geral do sentimento, que no corpo animal nenhuma outra matéria, afora os nervos, tem essa propriedade de produzir o sentimento, seremos levados a crer que os sentidos, tendo todos um princípio comum e não sendo senão formas variadas da mesma substância e, numa palavra, senão nervos diferentemente ordenados e dispostos, as sensações que deles resultam não são assim tão essencialmente diferentes entre si quanto parecem. O olho deve ser visto como uma expansão do nervo óptico, ou antes, o olho mesmo não é senão o desabrochamento de um feixe de nervos, o qual, estando exposto ao exterior mais que qualquer outro nervo, é também aquele que tem o sentimento o mais vivo e o mais delicado; ele será, portanto, sacudido pelas menores partes da matéria, tais como as da luz, e nos dará, conseqüentemente, uma sensação de todas as substâncias as mais distantes, desde que estas sejam capazes de produzir ou de refletir essas pequenas partículas de matéria. Como não é um órgão tão exterior como o olho, e como não há nele um desenvolvimento tão grande de nervos, o ouvido não terá o mesmo grau de sensibilidade e não poderá ser afetado por partes de matéria tão pequenas como aquelas da luz, mas o será por partes mais grossas, aquelas que formam o som, e ele nos dará ainda uma sensação das coisas afastadas que poderão por em movimento essas partes da matéria; como elas são bem maiores que as da luz e têm menos velocidade, ela não poderão se espalhar senão a pequenas distâncias e, por conseguinte, o ouvido só nos dará a sensação de coisas bem menos afastadas que aquelas cuja sensação nos é dada pelo olho. A membrana que é a sede do olfato, sendo ainda menos fornida de nervos que aquela que constitui a sede da audição, só nos dará a sensação das partes da matéria que são mais grossas e mais distantes, como são as partículas odorantes dos corpos, as quais são provavelmente as da essência que é exalada e boia, por assim dizer, no ar, como os corpos leves nadam na água, e uma vez que os nervos são ainda em menor quantidade, e uma vez que são mais divididos no palato e na língua, as partículas odorantes não são tão fortes para sacudir esse órgão, é preciso que essas partes oleosas ou salinas se destaquem dos outros corpos e se detenham na língua para produzir uma sensação que é chamada de gosto, e que

difere principalmente do olfato, porque esse último sentido nos dá a sensação das coisas a uma certa distância, enquanto o gosto não a pode nos dar a não ser por uma espécie de contato que se opera mediante a fusão de certas partes da matéria, tais como os sais, os óleos etc. Enfim, como os nervos são o que mais possivelmente se pode dividir, e como são muito ligeiramente espalhados pela pele, nenhuma parte tão pequena como aquelas que forma a luz ou os sons, os odores ou sabores não poderá sacudi-los nem afetá-los de uma maneira sensível, sendo necessárias partes muito grossas de matéria, isto é, corpos sólidos, para que possam ser afetados; também o senso do tato não nos dá nenhuma sensação das coisas distantes, mas somente daquelas cujo contato é imediato. Parece-me, portanto, que a diferença que há entre os sentidos decorre apenas da posição mais ou menos exterior dos nervos, e de sua maior ou menor quantidade nas diferentes partes que constituem os órgãos.” (HN, III, p. 352-355)

- “Toda a diferença encontrada em nossas sensações decorre, portanto, somente do número maior ou menor, e da posição mais ou menos exterior dos nervos, o que faz que alguns desses sentidos possam ser afetados por pequenas partículas de matéria que emanam dos corpos, como o olho, o ouvido e o olfato, enquanto os outros por partes mais grossas, que se destacam do corpo por meio do contato, como o gosto, e os outros pelos corpos ou mesmo por emanações dos corpos, quando estão bem reunidas e são bastante abundantes para formar uma espécie de massa sólida, como o tato, que nos dá as sensações da solidez, da fluidez e do calor dos corpos.

Um fluido difere dum sólido, porque não tem nenhuma parte tão grande para que possamos apreendê-la e tocá-la por diferentes lados de uma só vez; as partículas que os compõem não podem ser tocadas pelas partículas vizinhas a não ser num ponto ou num número tão pequeno de pontos, que nenhuma parte pode ter aderência com outra parte. Os corpos sólidos reduzidos a pó, mesmo impalpável, não perdem absolutamente sua solidez, porque as partes se tocam por vários lados, conservam a aderência entre si, o que torna possível fazer massas e comprimi-las para apalpá-las em grande quantidade de uma só vez. O senso do tato está espalhado por todo o corpo, mas ele se exerce diferentemente nas diferentes partes. O sentimento que resulta do toque não pode ser excitado a não ser pelo contato e pela aplicação imediata da superfície de qualquer corpo estranho sobre a do nosso próprio corpo; aplicando-se um corpo estranho contra o peito ou sobre os ombros de um homem, ele o sentirá, isto é, saberá que há um corpo estranho que o toca, mas não terá ideia

alguma da forma desse corpo, porque o peito ou os ombros não tocam o corpo a não ser num único plano, não podendo resultar daí nenhum conhecimento da figura desse corpo; o mesmo sucede com todas as partes do corpo que não podem se ajustar à superfície dos corpos estranhos e se dobrar para abraçar várias partes de sua superfície de uma só vez, essas partes de nosso corpo não podem, portanto, nos dar nenhuma ideia justa da forma deles; mas aquelas que, como a mão, são divididas em várias pequenas partes flexíveis e móveis, e que podem, por conseguinte, se aplicar ao mesmo tempo sobre diferentes planos da superfície dos corpos, são aquelas que nos dão de fato as ideias da forma e da grandeza deles.

Não é, portanto, unicamente porque há uma maior quantidade de borlas nervosas nas extremidades dos dedos que nas outras partes do corpo, não é, como se pretende vulgarmente, porque a mão tem o sentimento mais delicado que ela é efetivamente o órgão principal do tato, poder-se-ia dizer, ao contrário, que há partes mais sensíveis e cujo tato é mais delicado, como os olhos, a língua etc., mas é unicamente porque a mão é dividida em diversas partes móveis, todas elas flexíveis, todas elas agindo ao mesmo tempo e obedecendo à vontade, que ela é o único órgão que nos dá ideias distintas da forma dos corpos; o tato não passa de um contato de superfície, computando a superfície da mão e dos cinco dedos, descobriremos que é maior em proporção que a de toda outra parte do corpo, porque não há nenhuma que seja tão dividida; assim, ela tem de início a vantagem de poder apresentar mais superfície aos corpos estranhos, em seguida os dedos podem se estender, se encurtar, de dobrar, se separar, se juntar e se ajustar a toda espécie de superfície; outra vantagem que bastará para tornar essa parte o órgão desse sentimento exato e preciso que é necessário para nos dar a ideia da forma dos corpos. Se a mão tivesse ainda um número maior de partes, se fosse, por exemplo, dividida em vinte dedos, se esses dedos tivessem um número maior de articulações e movimentos, não se pode duvidar que o sentimento do tato seria infinitamente mais perfeito nessa conformação do que o é, porque essa mão poderia se aplicar então muito mais imediatamente e muito mais precisamente às diferentes superfícies dos corpos; e se supuséssemos que ela fosse dividida num infinidade de partes, todas elas móveis e flexíveis, e que todas elas pudessem se aplicar ao mesmo tempo sobre todos os pontos da superfície dos corpos, semelhante órgão seria uma espécie de geometria universal (se assim posso me exprimir), com o auxílio da qual teríamos, no momento mesmo do apalramento, ideias exatas e precisas da figura de todos os corpos, e da diferença, inclusive

infinitamente pequena, entre essas figuras; se, ao contrário, a mão não tivesse dedos, ela só poderia nos noções bem imperfeitas da formas das coisas as mais palpáveis e não teríamos senão um conhecimento bastante confuso dos objetos que nos circundam, ou ao menos nos seria necessário muito mais experiências e tempo para adquiri-las.

Os animais que têm mãos parecem ser os mais espirituais: os macacos são coisas tão semelhantes às ações mecânicas do homem, que parecem ter por causa a mesma sequência de sensações corporais: todos os outros animais privados desse órgão não podem ter nenhum conhecimento bem distinto da forma das coisas; como não podem apanhar nada e não têm nenhuma parte tão dividida e tão flexível para poder se ajustar à superfície dos corpos, eles certamente não têm nenhuma noção precisa da forma, nem tampouco da grandeza desses corpos, é por isso que os vemos frequentemente incertos ou assustados com o aspecto das coisas que deveriam conhecer melhor e que lhes são as mais familiares. O principal órgão do seu tato está no focinho, porque essa parte é dividida em duas pela boca, e como a língua é uma outra parte que lhes serve ao mesmo tempo para tocar os corpos, tal como os vemos volver e revolver antes de apanhá-los com os dentes, podemos também conjecturar que os animais que, como as sibas, os pólipos e outros insetos, têm um grande número de braços ou de patas, que eles podem reunir e juntar, e com as quais podem prender os corpos estranhos por diferentes lugares, que esses animais, digo, têm vantagem sobre os outros e que conhecem e escolhem muito melhor as coisas que lhes convêm. Os peixes, cujo corpo é coberto de escamas e não podem se dobrar, devem ser os mais estúpidos de todos os animais, pois não podem ter nenhum conhecimento da forma dos corpos, já que não têm nenhum meio de abraça-los e, além disso, a impressão do sentimento deve ser muito fraca, e o sentimento bastante obtuso, porque só podem sentir através das escamas: assim, todos os animais cujo corpo não tem extremidades que podemos ver como partes divididas, tais como braços, pernas, patas etc., terão muito menos sentimento pelo tato que os outros; as serpentes são, no entanto, menos estúpidas que os peixes, porque, ainda que não tenham extremidades e sejam recobertas de uma pele dura e escamosa, elas têm a faculdade de dobrar seus corpos em vários sentidos sobre os corpos estranhos e, por conseguinte, de apanhá-los de alguma maneira e de tocá-los muito melhor do que os peixes, cujo corpo não pode se dobrar.

Os dois grandes obstáculos ao exercício do sentido tátil são, pois, em primeiro lugar a uniformidade da forma do corpo do animal ou, o que é a mesma coisa, a falta de partes diferentes, divididas e flexíveis; e, em segundo lugar, o revestimento da pele, seja por pelo, plumas, escamas, invólucros, conchas etc.; mais esse revestimento será duro e sólido, menos o sentimento do tato poderá se exercer, mais, ao contrário, a pele será fina e delgada, mais o sentimento será vivo e refinado. Entre outras, as mulheres têm sobre os homens a vantagem de ter a pele mais bela e o tato mais delicado.

O feto, no seio da mãe, tem a pele muito delgada, ele deve sentir vivamente, portanto, todas as impressões exteriores, mas como nada num licor, e como os líquidos recebem e rompem a ação de todas as causas que podem ocasionar choques, só raramente ele pode ser tocado e apenas por golpes ou esforços muito violentos; ele é, portanto, muito pouco exercitado nessa parte mesma do tato, que depende apenas da fineza da pele e é comum ao corpo todo; como não faz uso de suas mãos, ele não pode ter sensações, nem adquirir nenhum conhecimento no seio de sua mãe, a menos que se queira supor que pode tocar com as mãos diferentes partes de seu corpo, como o rosto, o peito, os joelhos; pois frequentemente encontramos as mãos do feto abertas ou fechadas, direcionadas contra seu rosto. Na criança recém nascida, as mãos permanecem tão inativas quanto no feto, porque não se lhe dá a liberdade de se servir delas antes de seis ou sete semanas, os braços são enfaixados junto com o resto do corpo até esse momento, e não sei explicar esse costume. É certo que assim se retarda o desenvolvimento desse senso importante, do qual todos os nossos conhecimentos dependem, e que se faria bem deixar que a criança usasse livremente as suas mãos desde o momento em que nasce, ela adquiriria mais cedo as primeiras noções das formas das coisas, e quem sabe até que ponto essas primeiras ideias influenciam as outras? Um indivíduo não tem talvez mais espírito que outro a não ser por ter feito em sua primeira infância um uso maior e mais rápido desse sentido; desde que as crianças tenham a liberdade de se servir das mãos, elas não tardam a fazer grande uso delas, procuram tocar tudo o que se lhes apresenta; vê-se que se divertem e sentem prazer em manejar as coisas que sua pequena mão consegue pegar, parece que procuram conhecer a forma dos corpos tocando-os de todos os lados e durante um tempo considerável; divertem-se assim ou, antes, se instruem a respeito de coisas novas. Nós mesmos, no restante da vida, se refletimos sobre isso, nos divertimos de outra maneira que fazendo ou tentando fazer alguma coisa de novo?

É somente pelo toque que podemos adquirir conhecimentos completos e reais, é esse sentido que retifica todos os outros sentidos de que os efeitos seriam apenas ilusões e só produziriam erros em nossa mente se o tato não nos ensinasse a julgar. Mas como se faz o desenvolvimento desse sentido importante? Como nossos primeiros conhecimentos chegam a nossa alma? Não esquecemos tudo o que se passou nas trevas de nossa infância? Como redescobrimos o primeiro traço de nossos pensamentos? Não é temeridade querer remontar até ele? Se a coisa fosse menos importante, teríamos razão de nos censurar; mas ela é talvez mais digna de nos ocupar que qualquer outra, e não sabemos que devemos fazer esforços todas as vezes que queremos alcançar um grande objeto?

Imagino, portanto, um homem tal que podemos crer que tenha sido o primeiro homem no momento da criação, isto é, um homem cujo corpo e cujos órgãos seriam perfeitamente formados, mas que fosse despertado de novo para si mesmo e para tudo aquilo que o cerca. Quais seriam os seus primeiros movimentos, as suas primeiras sensações, os seus primeiros juízos? Se esse homem pudesse nos contar a história de seus primeiros pensamentos, que teria ele a nos dizer? Qual seria essa história? Não posso me dispensar de fazer com que ele mesmo fale, a fim de tornar os fatos mais sensíveis: essa narrativa filosófica será curta, não será uma digressão inútil. Lembrome desse instante pleno de alegria e de perturbação em que senti pela primeira vez a minha existência singular; eu não sabia o que eu era, onde estava, de onde vinha. Abri os olhos, que acréscimo de sensação! A luz, a abóboda celeste, o verdor da terra, o cristal das águas, tudo me ocupava, me animava e me dava um sentimento inexprimível de prazer; acreditei de início que todos esses objetos estavam em mim e faziam parte de mim. Firmei-me nesse pensamento nascente quanto voltei os olhos para o astro da luz, seu brilho me feriu; fechei involuntariamente a pálpebra e senti uma leve dor. Nesse momento de obscuridade, cri ter perdido quase todo meu ser. Afligido, preso de espanto, pensei nessa grande mudança, quanto de súbito ouvi sons; o canto dos pássaros, o murmúrio dos ventos formavam um concerto cuja doce impressão me remexia até o fundo da alma; escutei longamente e logo me persuadi de que essa harmonia era eu. Atento, inteiramente ocupado desse novo gênero de existência, esquecia já a luz, essa outra parte de meu ser que havia conhecido primeiro, quando reabri os olhos. Que alegria, me reencontrar de posse de tantos objetos brilhantes! Meu prazer suplantou tudo o que havia sentido da primeira vez e suspendeu por um tempo o efeito encantador dos sons. Fixei meus olhos em mil

objetos diversos, apercebi-me logo de que podia perder e reencontrar esses objetos, e que tinha o poder de destruir e de reproduzir ao bel prazer essa bela parte de mim mesmo, e ainda que ela me parecesse imensa em tamanho pela quantidade de acidentes da luz e pela variedade das cores, cri reconhecer que tudo estava contido numa porção de meu ser. Comecei a ver sem emoção e a ouvir sem perturbação, quando um leve vento de que senti o frescor me trouxe perfumes que me causaram um desafogo íntimo e me deram um sentimento de amor por mim mesmo. Agitado por todas essas sensações, pressionado pelos prazeres de uma existência tão bela e tão grande, levantei-me de súbito e me senti transportado por uma força desconhecida. Não dei mais que um passo, a novidade de minha situação me tornou imóvel, minha surpresa foi extrema, acreditei que minha existência me fugia, o movimento que tinha feito confundiu os objetos, imaginei que tudo estava em desordem.

Levei a mão à cabeça, toquei-me a fronte e os olhos, percorri meu corpo, minha mão me pareceu então ser o principal órgão de minha existência; o que sentia nessa parte era tão distinto e tão completo, a fruição me parecia tão perfeita em comparação com o prazer que me fora causado pela luz e pelos sons, que me apeguei inteiro a essa parte sólida de meu ser, e senti que minhas ideias ganhavam profundidade e realidade. Tudo o que eu tocava em mim parecia dar sentimento por sentimento a minha mão, e cada apalpamento produzia uma ideia dupla em minha alma. Não passei muito tempo sem me aperceber de que essa faculdade de sentir estava espalhada por todas as partes de meu ser, logo reconheci os limites de minha existência, que havia me parecido primeiro imensa em extensão. Lancei os olhos em meu corpo, julguei-o de um volume enorme e tão grande, que, em comparação, todos os objetos que haviam me tocado os olhos não pareciam senão pontos luminosos. Examinei-me por longo tempo, olhava-me com prazer, seguia minha mão com o olho e observava os seus movimentos; tive as ideias mais estranhas a esse respeito, acreditava que o movimento de minha mão era apenas uma espécie de existência fugitiva, uma sucessão de coisas semelhantes; aproximei-a dos olhos, ela então me pareceu maior que todo o meu corpo e fez desaparecer de minha vista um número infinito de objetos.

Comecei a suspeitar que havia ilusão nessa sensação que me vinha pelos olhos; eu tinha visto distintamente que minha mão era apenas uma pequena parte de meu corpo, e não podia compreender que ela fosse aumentada a ponto de me parecer de um tamanho desmesurado; resolvi, portanto, de me fiar unicamente ao tato, que

ainda não me havia enganado, e de me pôr em guarda contra todas as outras maneiras de sentir e de ser. Essa precaução me foi útil, eu me pus novamente em movimento e caminhei de cabeça erguida e alçada para o céu, quando topei levemente contra uma palmeira; tomado de assombro, levei a mão até aquele corpo estranho, julguei-o tal, porque ele não me retribuía sentimento por sentimento; desviei-me com uma espécie de horror, e conheci pela primeira vez que havia alguma coisa fora de mim. Mais agitado por essa nova descoberta do que o fora por todas as outras, tive dificuldade em me tranquilizar, e depois de ter meditado sobre esse acontecimento, conclui que devia julgar sobre os objetos exteriores como havia julgado sobre as partes de meu corpo, e que só o tato podia me assegurar da existência deles. Procurei, portanto, tocar tudo o que via, quis tocar o sol, estendi meu braço para abraçar o horizonte, e não encontrei senão o vazio do ar. Eu ia de surpresa em surpresa a cada experiência que empreendia, pois todos os objetos me pareciam estar igualmente perto de mim, e somente após uma infinidade de provas aprendi a me servir dos olhos para guiar minha mão, e como ela me dava ideias inteiramente diferentes das impressões que recebia pelo sentido da visão, minhas sensações não estando em acordo entre si, meus julgamentos eram somente mais imperfeitos, e o conjunto de meu ser era ainda para mim apenas uma existência em confusão. Profundamente ocupado de mim, daquilo que era, daquilo que poderia ser, as contrariedades que acabava de experimentar me humilhavam, quanto mais eu refletia, mais se apresentavam dúvidas; cansado de tantas incertezas, fatigado dos movimentos de minha alma, meus joelhos se dobraram e me vi numa situação de repouso. Esse estado de tranquilidade deu novas forças a meus sentidos, estava sentado à sombra de uma bela árvore, os frutos de uma cor vermelha desciam em forma de cacho ao alcance da mão, eu os toquei levemente, e eles se separavam imediatamente do galho, como o figo dele se separa quando está maduro. Peguei um desses frutos, imaginando-me ter feito uma conquista, e me glorifiquei pela faculdade que sentia, de poder conter na mão um ser inteiro; seu peso, embora pouco sensível, me pareceu uma resistência animada que me causava prazer vencer. Aproximei o fruto dos olhos, considerei-lhe a forma e as cores, um odor delicioso me fez aproximá-lo ainda mais, ele se encontrava perto de meus lábios, eu puxava o perfume em longas inspirações e o experimentava a longos tragos os prazeres do olfato; eu estava inteiramente tomado desse ar em bálsamo, minha boca se abria para exalá-lo, ela se abria para captá-lo de novo, eu sentia que possuía um olfato interior mais fino, mais delicado ainda que o primeiro e, enfim, o experimentei!

Que sabor! Que sensação nova! Até ali eu tivera apenas prazeres, o gosto me deu o sentimento da volúpia, a intimidade do gozo fez nascer a ideia da posse, acreditei que a substância desse fruto tinha se tornado minha, e que eu era senhor de transformar os seres. Lisonjeado com a ideia desse poder, incitado pelo prazer que havia sentido, colhi um segundo e um terceiro fruto, e não me cansava de exercer minha mão para satisfazer meu gosto; como, no entanto, um langor agradável tomou pouco a pouco conta de todas os meus sentidos, entorpeceu-me os membros e suspendeu a atividade de minha alma, julguei sua inação pela moleza de meus pensamentos, minhas sensações embotadas arredondavam todos os objetos e me apresentavam somente imagens fracas e mal delimitadas; nesse instante, meus olhos tornados inúteis se fecharam, e minha cabeça, não sustentada senão pela força dos músculos, pendeu para encontrar apoio sobre a relva. Tudo se apagou, tudo desapareceu, o traço de meus pensamentos foi interrompido, perdi o sentimento de minha existência: o sono foi profundo, mas não sei se de longa duração, porque não tinha ainda a ideia do tempo e não podia medi-lo; meu despertar foi apenas um segundo nascimento e senti apenas que havia cessado de ser. O aniquilamento que acabara de experimentar me deu certa ideia de temor e me fez sentir que eu não devia existir sempre. Tive outra inquietude, eu não sabia se tinha deixado no sono alguma parte de meu ser, experimentei meus sentidos, procurei me reconhecer. Mas enquanto percorria com os olhos os limites de meu corpo para me assegurar de que minha existência me restara inteira, qual não foi minha surpresa se ver a meu lado uma forma semelhante à minha! Tomei-a por um outro eu mesmo, em vez de perder algo enquanto eu cessava de ser, acreditei me ter duplicado. Levei minha mão até esse novo ser, que arrebatamento! Aquilo não era eu, era mais que eu, melhor que eu, acreditei que minha existência devia mudar de lugar e passar inteira a essa segunda metade de mim mesmo. Senti que se animava sob minha mão, vi que pensava em meus olhos, os seus fizeram correr-me uma nova fonte de vida pelas veias, eu teria querido lhe dar todo o meu ser; essa vontade viva completou minha existência, senti nascer um sexto sentido. Nesse instante, o astro do dia apagou sua chama ao fim de seu curso, mal percebi que perdia o sentido da vista, eu existia em demasia para temer cessar de ser, e foi em vão que a obscuridade em que em encontrava me recordou a ideia de meu primeiro sono. (HN, III, p. 356-370).

Dos sentidos

Sentidos são aquilo por meio do qual representamos imediatamente as coisas. Podemos conceber dois tipos de sentido, um sentido interno, por meio do qual intuimos a nós mesmos, e um sentido externo, por meio do qual percebemos objetos fora de nós. O sentido interno dá aos homens vantagem sobre os animais irracionais, sua personalidade consiste em poder intuir e considerar a si próprio. Por ser consciente de si mesmo, o homem se habilita a todo tipo de felicidade e infelicidade, pois infelicidade não é a dor de um mal, mas o pensamento acerca dessa dor, assim como ventura não é alegria por uma felicidade, mas o pensamento acerca dessa alegria. Por exemplo, a jovem que vai ao baile no dia seguinte, sente contentamento com a alegria que há de ter lá. É pueril o homem que sente contentamento com a alegria que pretende ter. Abatimento com a dor e contentamento com a alegria provêm, portanto, da consciência do sentido interno. É agradável ocupar-se dos sentidos externos, ao passo que a atenção ao sentido interno é incômoda e violenta e, embora necessária para a revisão, não deve ser incessante. Quem, por isso, se volta para suas sensações e gosto é fantasista. O homem do campo não presta nenhuma atenção a si, e mal nota que está doente até cair de cama, sua ocupação com o sentido externo o mantém afastado disso e também o torna sadio.

Idealista é quem não institui nenhum objeto do sentido externo. Também há idealistas do gosto, que afirmam: não há verdadeiro gosto universal, mas apenas hábito e opinião aceite. Esse princípio é a proposição fundamental da insociabilidade, se não tivéssemos gosto universal, não poderíamos nos sentar à mesma mesa e comer juntos. Assim, podemos representar um idealismo racional¹, que consiste no seguinte: nossa felicidade não depende das coisas externas, mas as coisas têm o valor que lhes damos. Elas precisam passar primeiro pela censura da mente. Se alguém, por exemplo, vai receber uma herança e imagina uma felicidade paradisíaca para si, essa felicidade não é a herança, mas a representação que dela faz, ele a considera uma grande felicidade, mas vê depois que é uma infelicidade, pois atraiu inimigos que

¹ No âmbito da Antropologia kantiana, *vernunftig* tem também o sentido de “judicioso”, “razoável”, “sensato”. (NT)

também queriam ser herdeiros, e tem mais preocupações a importuná-lo; posteriormente atribuirá a infelicidade às coisas. Logo, a felicidade não está nas coisas, mas no modo como a mente as acolhe. A mente pode muito nisso, ela pode transformar [*umformen*] o mundo inteiro. Para isso nos dá ensejo a iniquidade de todas as coisas e a brevidade da vida. Unicamente por isso compreendemos que as coisas externas não constituem a felicidade. A mente, portanto, pode facilmente compreender que a verdadeira felicidade consiste na ideia, e verdadeiro idealismo é o racional e prático.

Os sentidos externos afetam o corpo. Alguns o afetam exteriormente; outros, interiormente. Aqueles são sentidos da intuição; estes, sentidos da sensação. Em todos os sentidos é preciso distinguir dois componentes, intuição e sensação. Os sentidos da intuição são objetivos, os da sensação, subjetivos. Aqueles nos exibem objetos; estes consistem no modo como somos afetados por eles. Por exemplo, ao ver percebo objetos, mas ao cheirar sinto uma impressão. Os sentidos objetivos são tato, *tactus*, que é totalmente diferente do sentimento², audição e visão. Os sentidos subjetivos são olfato e gosto. Se incluirmos o sentimento, os sentidos seriam seis, mas este é um sentido geral, e não se chama *tactus*, mas *sensus*.³ Pelos sentidos objetivos conheço mais os objetos, pelos subjetivos percebo mais a fruição. Pelo *tactum* conheço as substâncias, sem esse sentido não as poderíamos conhecer, apenas perceberíamos fenômenos.

Audição é um sentido que percebe ao longe. Pela audição não obtemos nenhum conceito para o conhecimento do objeto, ela é apenas um jogo da sensação. A audição não nos exhibe os objetos em sua figura, não temos outra representação e conceito dos objetos a não ser de que há um objeto ali. Porque não exhibe objeto algum, mas apenas uma impressão dele, a audição tem a seguinte utilidade: ela é um sentido da sociabilidade, serve para comunicar os signos do pensamento, portanto é um meio da linguagem, serve para signo do objeto; portanto, as figuras não nos dão signos dos objetos, mas o objeto mesmo. Pela audição, nós dividimos o tempo. Todos os sons são divisões iguais de tempo pela audição. Nossa mente tem grande fineza para perceber a divisão do tempo de maneira a mais precisa, pois ela percebe todas as

² O cuidado de Kant em separar sentimento e tato se explica pela proximidade etimológica e conceitual dos dois. Em alemão (assim como em inglês), sentimento (*Gefühl, feeling*) está etimologicamente ligado ao tato (*fühlen, to feel*). (NT)

³ *Tactus* (como já ocorreu linhas acima e voltará ocorrer, no acusativo, na linha seguinte) e *sensus* estão em latim no manuscrito. (NT)

oscilações de uma corda, que, embora proporcionais, perfazem seis mil oscilações num segundo.

Pela visão conheço os objetos e os determino. A visão nos exhibe as figuras das coisas no espaço e divide o espaço. Portanto, pelo tato conhecemos as substâncias, pela audição dividimos o tempo e, pela visão, o espaço; substâncias, espaço e tempo são, porém, os três componentes dos objetos externos.

Os sentidos subjetivos são os que modificam nosso estado, e aqui se incluem o olfato e o gosto. Mero estado sem referimento a outras coisas é sentimento *generaliter*⁴ e, portanto, não um sentido particular, mas ele está no fundamento de todos os outros. É assim, por exemplo, que alguém é acometido de arrepios durante uma peça trágica, diante dos gestos de generosidade, e é assim que sente arrepios quando passam uma lasca de pedra sobre uma pedra ou friccionam algo numa ponta ou aresta, para o que não se pode indicar outra razão no sentimento senão a de que os nervos se descontrolam com esses sons penetrantes. Olfato e gosto são sentidos da sensação nos quais o efeito em nosso corpo é químico, assim como nos sentidos anteriores o efeito era mecânico. A influência é química mediante dissolução dos humores [*Säfte*] pelos quais o corpo é afetado; ela, porém, é mecânica, se o efeito ocorre sobre a superfície, como pela pressão no tato, pelo impacto da luz na visão e do ar na audição. No olfato e no paladar, porém, as partes do cheiro e os sais são primeiro dissolvidos pelos humores do corpo, depois acolhidos pelos órgãos e só então produzem seu efeito. É por isso que, de língua seca, ninguém pode sentir sabor. Na degustação, a *saliva* é o *vehiculum*⁵, ela dissolve as partes do corpo, ela é líquida e distinta do cuspe. No olfato, o *vehiculum* é o ar, que dissolve as partes que são levadas ao pulmão através do nariz. Olfato e paladar são, portanto, dois sentidos da fruição. Aquilo que cheiramos se mistura a nosso olfato, e o que degustamos aos humores, sendo eles, portanto, os sentidos mais fortes. Não há, por isso, outro sentido para o nojo senão estes dois, a não ser que outro se junte a eles, o que pode gerar aversão, mas nojo surge por contato, daí porque é difícil de ser descrito; é uma aversão, uma repugnância particular, que só ocorre durante a fruição. O sentido do olfato é o que menos envolve juízo, por isso também crianças e muitos selvagens não sentem cheiro; é o sentido mais fino, precisa ser informado [*informirt*] e, de todos os sentidos, é o

⁴ Em latim no manuscrito. (NT)

⁵ *Saliva* e *vehiculum* (também na linha seguinte) estão em latim no manuscrito. (NT)

mais dispensável. Os sentidos externos são sentidos do julgamento, estes, porém, da sensação, por meio deles é que mais somos afetados; eles não servem, portanto, para que tome conhecimento do objeto, mas apenas para que sinta meu próprio estado, são eles, portanto, que mais nos dizem respeito, pois, se vejo, presto atenção no objeto, mas se cheiro ou saboreio, presto atenção na modificação pela qual meu corpo é afetado, daí serem estes os sentidos de maior impressão. Na visão, o objeto é mais forte que o sujeito; nos outros sentidos, todavia, o sujeito é mais forte que o objeto. Um objeto feio para a visão não me afeta tanto quanto um objeto ignóbil para o olfato, pois pelo olfato o objeto é acolhido no mais íntimo e misturado ao corpo.

Os sentidos objetivos proporcionam mais conhecimento e dão ensejo à reflexão, os subjetivos, porém, envolvem mais sensação que reflexão. Os sentidos se aproximam mais da elaboração e da representação do entendimento, quanto mais fina é a matéria deles. Assim, o tato é o sentido mais grosseiro segundo a matéria, uma vez que só sentimos os corpos pelo tato se são impenetráveis; o paladar já é mais fino, pois saboreamos algo mediante a dissolução da matéria do sal, portanto a matéria já é mais fina; a matéria do olfato é ainda mais fina, pois o ar dissolve o corpo, dissolução esta que é mais fina do que aquela pela *saliva*.⁶ A audição ocorre puramente pelo ar, e a visão é a mais fina, já que ocorre por intermédio da luz. Os sentidos são tanto mais nobres, quanto mais os homens podem participar deles, e quanto mais sociabilizam os objetos para nós, e estes são também os mais socializáveis. Por exemplo, a visão é o sentido mais socializável, pois uma casa pode ser vista continuamente por cerca de mil pessoas ao mesmo tempo. Ela é, portanto, o sentido principal do gosto, pois o gosto se refere a uma comunicação universal, daí porque os homens que são sociáveis amam tais objetos que podem ser universalmente comunicados, por exemplo, pinturas. A audição é o segundo sentido em comunicabilidade, mas a comunicação não é tão ampla quanto na visão. Por exemplo, muitos podem ouvir um discurso, uma música. Se vejo ou ouço algo, não julgo meramente pelo meu sentido, mas também mediante os sentidos de outros homens. Com o olfato também ocorre algo parecido, por isso cada qual cuidará para que um objeto também cheire bem aos outros. O paladar é menos comunicável, pois se provo do meu prato, não preocupo como cairá no paladar dos outros, mas o objeto do paladar também pode ser partilhado, não assim

⁶ Em latim no manuscrito. (NT)

como a música, pois esta alimenta todos os ouvidos de uma só vez. O tato não admite compartilhamento; a vantagem dos sentidos reside, pois, na comunicação universal.

A audição não proporciona nem figura nem conceito do objeto, mas sensação. A visão não proporciona sensação, mas figura. A audição é, por conseguinte, um jogo da sensação, e a visão, um jogo da figura. O diverso, segundo o tempo, é um jogo; música, por isso, é jogo da sensação. O diverso, segundo o espaço, é figura; dança, por isso, é jogo da figura. Ele só pode se chamar jogo porque ocorre pouco a pouco, portanto na relação do tempo. Um jogo afeta mais que a figura, porque é sensação. Se o jogo sustém o todo do homem, este se vivificará; o jogo da figura também contém sensação, mas se volta mais para o objeto, por isso não somos tão afetados; há, contudo, sensação por meio da luz e da cor, estas constituem as diferentes espécies de sensação, e poderíamos, portanto, ter também um jogo da sensação por meio do olho. Figura é somente forma, mas cor é jogo da sensação. Já se pensou em produzir habilmente consonâncias e dissonâncias por meio das cores, assim como [estas são produzidas] por meio dos sons na audição, e em produzir um jogo da sensação por meio dos olhos. Só que, nos sons, uma porção deles ocorre em pouco tempo, a luz, porém, não é tão forte quanto o ar que atua sobre nós. O som zumba e ainda ressoa para nós; a impressão, portanto, é mais forte, já que um som alcança outro, havendo, por conseguinte, continuidade na audição, mas se a cor desaparece, a impressão também. Não obstante, há de certa maneira um jogo da sensação. Eis também a razão por que certas peças de roupa caem melhor do que outras em certas pessoas. Por exemplo, pessoas de tez loira têm de vestir roupas claras. Pode-se em geral notar que, se a mescla de duas cores produz uma cor completa [*vollständige*], elas caem bem, mas onde isso não ocorre, não caem bem. A causa é: nos limites das cores, as cores se confundem nos olhos, o resultado é uma cor completa, ela cai bem, do contrário ela não agrada. Por exemplo, se há muito azul e pouco amarelo, o resultado é uma cor completa, a saber, o verde; por isso um casaco azul e um colete amarelo caem bem, mas caso se misture muito amarelo e pouco azul, o resultado é uma cor suja; por isso, um casaco amarelo e um colete azul também não caem bem. Um casaco azul também combina com um colete vermelho, mas não o contrário. Julga-se o gosto do homem de acordo com isso. Audição é o único sentido que pode ser posto no jogo mais vivo, e é também pura sensação. A visão é a que possui maior esfera e extensão, seguida também, todavia, pela audição. Na velhice, o sentido mais dispensável seria a

audição; entre as crianças, porém, a visão. Pois audição é o *organon* da razão; sem audição não há lugar para a linguagem, sem linguagem não há lugar para signo dos conceitos, e sem isso, nenhum uso do entendimento. O idoso, no entanto, que já o possui, pode prescindir da audição; mas a criança sem visão produz para si outras sensações para conhecer objetos. A audição é, portanto, o sentido mais importante na aquisição dos conhecimentos, mas a visão o é no que concerne ao uso do mundo. Todos os sentidos têm uma denominação própria. Por exemplo, na visão, vermelho, verde, amarelo; no paladar, doce, amargo, mas o olfato não tem denominação própria, aqui tomamos a denominação de empréstimo a outros sentidos. Por exemplo, tem um cheiro amargo, cheiro de rosa, de cravo, cheira como almíscar. Todas estas, porém, são designações de outros sentidos. Por isso, não podemos descrever o olfato. Ele pode ser educado. Ele nos vivifica e contenta menos por aquilo que tem de agradável, do que nos incomoda por aquilo que tem de desagradável. Sentimos dez objetos desagradáveis ao olfato antes de sentir um agradável; por isso, algumas pessoas, como as donzelas, também se perfumam não tanto porque sintam o cheiro agradável, quanto porque gostariam de ser cheiradas e sentidas por outras. O paladar, entretanto, contenta mais que o olfato. É assim que nada interessava mais àqueles selvagens em Paris do que tavernas, e todos os ouvintes dos poemas de Homero saíam correndo quando tocava o sino da refeição, mesmo um, que não podia escutá-lo⁷. Aquele que tem o olfato refinado, também terá os nervos muito excitados por ele, a ponto de se poder desmaiar, quando o olfato saudável for muito forte. O paladar é o que exige mais satisfação, uma vez que por ele passa tudo o que faz parte da manutenção do corpo, e também está conectado ao bem estar do ser humano, pois todo o canal digestivo tem uma sensibilidade pela qual ele examina⁸ tudo o que é repugnante ao corpo, e aceita o que lhe é agradável e útil. A natureza nos deu o paladar para que por seu intermédio examinemos aquilo que é útil ao nosso corpo, o que fazemos sem atentar para isso. E o paladar também é diferente, conforme a diferente disposição do

⁷ No curso de Lógica intitulado *Logik Philippi*, os mesmos exemplos são utilizados para explicar a diferença entre o gosto estético e o atrativo sensível (*Reiz*): “Quando se perguntou a um iroquês a quem levavam para passear por toda a Paris o que mais lhe aprazia, ele disse ‘as tavernas’. O que apraz porque é belo apraz de modo inteiramente outro do que o que apraz porque é agradável. Quando Homero e uma porção de gente ouviam um poeta e soou o sino da refeição, todos saíram correndo: apenas permaneceu ao lado dele. O poeta o louvou como um verdadeiro conhecedor da beleza, que não se deixava cegar pelo atrativo como a plebe. Mas mal soube que o sino da refeição tocara, ele também partiu, pois era surdo.” (edição Akademie, vol. XXIV, 1, pp. 353-354).

⁸ O verbo empregado aqui é “*respicir*”, neologismo a partir do latim “*respicere*”, isto é, olhar com atenção, examinar, ponderar. (NT)

corpo. Se o corpo está enfermo, tem-se nojo de carne e apetite para algo ácido, que também é útil para o corpo. Portanto, glândulas, vísceras têm de constituir um sistema juntas, e o paladar examina tudo o que é salutar para ele.